OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 226

1 DE ABRIL 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Começo esta chronica hoje por uma traducção: a traducção de uns trechos de uma verdade profundissima, de uma observação perfeita da vida parisiense de hoje.

E como no fim de contas a nossa vida é o reflexo mais ou menos intenso do viver da França, dos seus usos, dos seus costumes, da sua litteratura, da sua arte, do seu theatro; a critica severa de Alberto Wolff póde-se applicar com tanta justiça a Portugal como se applica ao original de que elle é a imitação.

Wolff parte d'este principio de que ninguem póde contestar a verdade, tanto em Lisboa como em Paris: — Hoje todos são emminentes.

Ao seu terceiro quadro, diz o brilhante chronista, o pintor é um mestre; á sua segunda proposta de lei, o deputado é um «estadista»; ao seu terceiro artigo, um jornalista é «scintillante de verve e de espirito»; um esculptor premiado no Salon torna-se «a esperança do paiz»; e um compositor de operetas, em fazendo cantar tres *turlututus* em qualquer theatro, é baptisado de «encarnação da alegria franceza»; o menor elogio que se faz a um actor é «illustre», porque quando se diz d'elle apenas «celebre» declara-se offendido e deixa de nos cumprimentar. O principiante que publíca o seu primeiro livro torna-se immediatamente um mestre, do mesmo modo que Victor Hugo, e o financeiro, que á vista do boletim da Bolsa, lança um jornal, toma o titulo ambicioso de «director politico».

Não creio, continúa Wolff, que em nenhuma epoca a sociedade parisiense tenha distribuido entre si tantas dragonas e as tenha usado com mais bella ingenuidade. Todos estão no primeiro lugar; ninguem quer ficar nas fileiras; é como que um exercito de officiaes superiores, sem soldados. Tantos penachos! meu Deus! tantos penachos!

O mal de que se queixa Alberto Wolff em Paris é tanto nosso e é ha tanto tempo, que aqui ha muitos annos, ha coisa de vinte se bem me lembro, appareceu uma critica identica, feita com muito menos talento, com muito menos brilho de fórma, n'uma cançoneta que teve certa popularidade e que se chamava o *Sebastianista*.

Sob uma fórma frivola, a titulo de *charge* para fazer rir, esse sebastianista era uma critica da nossa vida e dos nossos costumes.

Ha trinta annos para cá, porém, todos os defeitos criticados tem caminhado com a rapidez vertiginosa das doenças modernas, — porque não sei se já teem reparado que as doenças modernas não são como as antigas, andam a vapor — e hoje está-se fazendo vivamente sentir a falta d'um novo sebastianista.

Emquanto porém elle não apparece vamos traduzindo o Wolff que no *Courier de Paris*, a que nos estamos referindo, depois de pintar assim tão rapidamente com tão vivas e verdadeiras cores a sociedade actual, continua em seguimento da mesma these, a apreciar alguns factos artisticos e litterarios, que, além de symptomaticos do fundo da vida parisiense de hoje, tem para nós muito interesse, porque se referem a homens e a peças muito nossos conhecidos.

Toda a gente que em Lisboa frequenta theatro conhece Theodoro Barrière, um dos mais completos dramaturgos da França contemporanea, um mestre consummado que, entre muitas comedias primorosas, tem as *Mulheres de marmore*, o *Cerco ao tio*, o *Amigo dos diabos*, os *Estroinas*, a *Corte na aldeia*, os *Escandalos de hontem*, a *Cabeça de vento*, etc., e alguns delicados de theatro conhecem a peça que passa por ser a sua obra prima, *Les faux bonhommes*, que ha alguns annos o theatro de D. Maria deu com o titulo de *Os hypocritas*, traduzida pelo nosso bom amigo o sr. Pedro Vidoeira, peça que nos parece que a empreza actual faria um bom serviço litterario, resuscitando.

Pois é a respeito d'esse auctor dramatico notabilissimo e d'essa peça já hoje celebre que versa a ultima parte da chronica de Alberto Wolff.

A cruel verdade, diz elle, é que na sociedade actual ninguem quer estar no seu logar.

Todos no primeiro da sua esphera.

O laborioso que nas antigas civilisações conquistou lentamente o seu logar, não existe hoje em parte alguma: a mesma ambição por toda a parte, e um mesmo desejo de reformar tudo em todas as ordens.

N'estas condições não nos devemos mostrar surprehendidos de que o *comité* do Theatro Francez tenha querido tambem iniciar por sua vez.

Os *Faux bonhommes* tinham já sido representados umas 500 ou 600 vezes quando se lembraram de os encorporar definitivamente no repertorio do Theatro Francez.

Não nego que qualquer mão amiga podia aliviar algumas partes do dialogo muito discretamente sem que o publico desse por tal. Em vez d'isso, porém, reuniram-se em audiencia solemne, como no supremo tribunal.

Os comediantes ordinarios dos differentes governos não envergam ainda n'esta occasião a toga escarlate guarnecida de arminhos, mas deixem estar que á força de exagerar os seus papeis lá chegarão.

Entretanto o *comité* pronunciou uma sentença segundo a qual a notavel obra de Barrière, antes de entrar o limiar do Theatro Francez, deveria ser officialmente confiada a um *degraisseur* de lettras, chamado a dar-lhe uma demão, como se diz.

Creio que nenhum escriptor de valor se prestaria a esta triste tarefa amargurada pelos iniciadores da casa de Molière, que, não é só a casa de Paquelin, é tambem a do sr. Scribe, homem de theatro de primeira ordem, homem d'espirito algumas vezes, mas que como litterato não recorda ser coisa alguma o seculo XVII.

Ah! meus filhos, se Barrière, ao saber essa noticia, podesse por uma

GENERAL JOÃO BAPTISTA ALVES (Segundo uma photographia de Camacho)

hora apenas, sahir do seu tumulo, os iniciadores da comedia franceza, teriam passado um bem desagradavel quarto d'hora. Depois da entrada de Cronwell no parlamento, nunca se teria visto nada d'egual. Que bello assumpto de gravura seria esse auctor dramatico surgindo de repente no meio dos comediantes da rua Richelieu, o olhar em fogo, despedindo raios, e exclamando com a voz mordente de Desgenais:

—Vamos, srs. secretarios! accomodem a sua vaidade, e deixem passar os homens do talento, cuja obra não póde depender de um dos seus caprichos.

N'outros tempos, estou certo, continua Wolff, que toda a litteratura se ergueria como um só homem para vingar a memoria de Barriere d'este ultrage Mas com a mania de chamar eminente ao primeiro que apparece, perdemos a noção da somma de respeito que devemos áquelles que realmente occupam um primeiro logar no seu tempo. O mais que fizeram foi noticiar a escandalosa pretenção do *comité* da rua Richelieu, em duas linhas, como se se tratasse de qualquer discussão entre um comico estimado das Batignolles e o seu director. Quando se pensa que um homem de talento arrancou do seu cerebro uma das obras mais originaes e mais fortes, nas suas grandes linhas, do theatro moderno, e que basta que o sr. Maubant a não approve para a condemnar publicamente, como indigna do seu theatro, que faz os seus acepipes com a *saynete Chez l'avocat (O desquite)*, comprehende-se que a fé no futuro desappareça das consciencias.

O jornalismo, pelo relaxamento das suas tradicções, pela sua indifferença para com a offensa feita á memoria de um homem de talento, pela sua adulação desmedida da mediocridade invasora, soffrerá mais dia menos dia o castigo das suas capitulações de consciencia. Nós, afogamo-nos na banalidade! Não tendo medida no elogio perdemos as noções da critica. Um vaudevillista que triumpha com uma farça é mais eminente que um poeta que cae com uma obra do pensamento. Todas as actrizes são Rachel, todas as cantoras são Malibran, todos os pintores são mestres, todos os esculptores são Miguel Angelo, todos os poetas Musset, e no nosso culto pelos musicos não ha sensivel differença entre Rossini e o sr. Planquette, do mesmo modo que um romance de Vast Ricouard é uma *obra* como um volume de Balzac.

A força de animar a loucura das grandezas nos nossos compatriotas e de os pôr uns depois dos outros sobre um pedestal, acabámos por acreditar que effectivamente isso era assim, e não nos atrevemos a tocar nos idolos. Espero ainda viver o bastante para vêr o fim d'este carnaval, em que cada um se enfeita com ouropeis variados, e onde ninguem tem já a consciencia da sua verdadeira situação e dos seus direitos.

Alongámo-nos talvez de mais na transcripção, mas o artigo de Alberto Wolff é tão bem feito, é tão profundamente verdadeiro, fustiga com tanta justiça, e com tão levantada critica o mal da sociedade franceza, que é tambem o mal da nossa sociedade, em todas as classes, e que se póde dizer que é em geral o mal do seculo, que nos pareceu muito mais interessante dal-o, de que nos pormos a fazer considerações sobre o parto simulado da hespanhola da Calçada dos Paulistas, o caso dominante dos ultimos dias, já pela sua originalidade, já pela sua feição escandalosa e patusca.

O outro acontecimento importante da semana foi o julgamento, no Tribunal do Commercio, da acção intentada pela Companhia dos Americanos contra a Companhia dos Riperts.

—Não póde andar por cima dos *rails*, que são meus, diziam os Americanos aos Riperts

—Pois se não quer que andemos sobre elles, tire-os, que a rua é de todos, respondiam os Riperts.

E o Tribunal do Commercio deu plena razão aos Riperts, e parece-nos que fez bem.

Os Riperts fazem um grande serviço ao publico de Lisboa:—estimulam o bom serviço dos Americanos. A concorrencia é uma grande coisa para os consumidores, e do mesmo modo que entendemos que o publico teria tudo a perder com a suppressão dos Riperts, entendemos que egualmente teria a perder tudo com a suppressão dos Americanos e tudo a ganhar com o apparecimento de uma terceira companhia.

Um outro caso que chamava as attenções de Lisboa inteira, perdeu á ultima hora todo o seu interesse — a questão dos Caminhos de ferro do norte e leste, a lucta entre a administração antiga e a administração moderna. Esperava-se uma peleja tremenda, mas á hora do combate fez-se a paz, e o accordo tirou todo o interesse á questão.

Se a chronica estivesse menos longa e se lhe quizesse ainda falar em crimes, tinha a noticia de um extremamente dramatico que se está agora julgando em França.

E' um filho do caso Clowis Hugues.—Uma mulher casada que mata a tiros de revolwer um homem que queria attentar contra a sua honra.

Em vez de se passar em Paris o caso, passou-se em Auxerre — A M.me Clowis Hugues, chama-se M.me Francey, o marido em vez de ser poeta é negociante de ferro, Morin, chama-se Brisebard, em vez de ser um calumniador é um conquistador, e em vez de atacar a honra da sua victima com cartas diffamatorias, attacou com brutaes violencias amorosas.

A ultima phrase do drama é a mesma. M.me Francey do mesmo modo que M.me Hugues, diz a seu marido:

—Matei Brisebard, ultrajou-me, vinguei-me!

—Fizeste bem, minha querida mulher, responde-lhe Francey, exactamente como o sr. Clowis Hugues.

Resta vêr se os jurados de Auxerre applicam a M.me Francey, a mesma legislação que os de Paris a M.me Clowis Hugues.

É de crer que sim. Pelo menos, as razões para isso são muito maiores. O caso de M.me Francey é positivamente um caso de legitima defeza. Falaremos mais devagar na proxima chronica.

Gervasio Lobato.

O GENERAL JOÃO BAPTISTA ALVES

Não ha ninguem que não conhecesse o general cujo retrato vem hoje enriquecer a galeria das notabilidades, que tem representado um papel importante na scena publica do nosso paiz.

A sua vida, os seus serviços á patria e á liberdade, — a sua fidelidade ás instituições, — a religião do dever, em todos os seus preceitos e manifestações, por elle sempre acatada, — tudo isto conhecem ou sabem aquelles que foram seus amigos, companheiros, superiores ou subalternos, nos 52 annos que militou nas fileiras do exercito portuguez que enobreceu sempre com a dedicação e com a disciplina.

Foi mais um forte [illegible] desappareceu da raça dos que ajudaram a pla[illegible]r e firmar no nosso paiz as instituições liberae[illegible]

Da familia patern[illegible]inha a herança do brio e do dever que tão fiel[illegible]scrupulosamente soube conservar com brilho [illegible]speitar sem quebra.

Era seu pae o vice-almirante José Joaquim Alves, cuja valentia e serviços as chronicas da epocha, e, mais tarde uma biographia desenvolvidamente escripta por um amigo desvelado da sua familia, fez conhecer as glorias, os exemplos, e a dedicação á patria.

Apenas com 8 annos de edade acompanhou o sr. João Baptista Alves seu illustre pae á Bahia de Todos os Santos, em 1822, como aspirante da armada, assistindo já ás operações realisadas para a defeza da provincia.

Em principio de maio de 1833, foi para o Porto n'uma rasca de pesca, com grande risco de vida, aonde já se achava seu pae ao serviço de D. Pedro IV.

Em 20 de junho de 1833 sentou praça em caçadores n.º 5 como aspirante a official.

Na acção do dia 5 de julho foi ferido levemente no alto da cabeça.

Na acção do dia 10 de outubro foi igualmente ferido gravemente por uma bala na perna esquerda

Passando logo depois á arma de cavallaria, logo em seguida á entrada das tropas liberaes em Lisboa, foi successivamente promovido a alferes em 28 de julho de 1837; tenente em 15 de fevereiro de 1845; capitão em 29 de março de 1851; major em 28 de dezembro de 1864; tenente coronel em 17 de janeiro de 1868; coronel em 18 de agosto de 1873.

Desempenhou além d'isso com muita distincção varias commissões importantes relativas á sua arma, como a de presidente da que foi encarregada de formular, a tactica de cavallaria, a de vice-presidente da reorganisação da escola do exercito, e a de commandante da sub-divisão militar de Faro.

Eis a traços largos o que foi o nosso illustre biographado na scena publica.

Na vida particular e intima foi um parente extremoso e desinteressado, bem como respeitador sempre dos vinculos da amizade onde encontrou como amigos os caracteres mais honestos d'este paiz.

Sentimos que os limites mui restrictos que nos são concedidos para este pequeno estudo biographico, não nos permittam dar-lhe maior desenvolvimento.

Diremos apenas ainda que o general Baptista Alves nunca foi politico no sentido de fazer politica com o cumprimento dos deveres inherentes aos cargos officiaes que exerceu, — nunca pediu lhe dessem esta ou aquella situação no serviço militar: — *obedecia* e nada mais.

Foi, por isso, sem duvida, que como seu pae, nunca foi bafejado com outras distincções do poder além das que eram inherentes aos seus annos de serviço.

Tinha apenas a commenda d'Aviz, e o algarismo n.º 2 das campanhas da liberdade!

Alludindo a taes injustiças, seja-nos permittido dizer que existe ainda hoje, vivendo apenas com a mesquinha pensão de 200$000 réis annuaes, a ex.ma sr.a D. Henriqueta Leocadia Thereza de Freitas Alves, uma das filhas do valente vice-almirante Alves, e uma das senhoras mais intelligentes, mais dignas e respeitaveis que conhecemos, — emquanto outras pensionistas disfructam desde longos annos, pensões de 600$000 réis e mais, por serviços de seus progenitores ou maridos, cuja valia se não póde comparar com os do vice-almirante José Joaquim Alves!

Justiça dos nossos governantes!

Foi finalmente o sr. general Alves um grande de historia, e o seu nome desacompanhado de favores e de mercês, fica ahi aureolado para a posteridade a quem transmittiu um nome sem mancha, com o nobre orgulho d'uma grande alma.

Lisboa, 26 de março de 1885.

André M. de Tavora do Canto e Castro.

CONGRESSO POSTAL

Em Lisboa

No dia 21 do mez findo, ás 8 horas da manhã achando-se reunidos todos os delegados do congresso postal, abriu o sr. presidente a sessão para se proceder á assignatura dos documentos respectivos e ao encerramento do congresso.

Os delegados collocaram-se por ordem alphabetica, tendo cada um, um exemplar da convenção principal e do seu regulamento. Todos assignaram estes dois documentos, que eram retirados das mezas pelos funccionarios da secretaria internacional de Berne.

Depois d'esta operação começou a assignatura de todos os exemplares.

Cada delegado teve de assignar tres vezes, isto é: no fim da convenção, no fim do regulamento e no protocollo final.

Assignaram-se successivamente *a convenção das encommendas postaes, seu regulamento e protocollo, o accordo para os vales internacionaes, seu regulamento e protocollo, o accordo para as cartas com valor declarado, seu regulamento e protocollo, o accordo para cobrança de lettras e seu regulamento, e finalmente o accordo relativo aos livretes de identidade.*

Os paizes que assignaram os differentes documentos foram 51 e as competentes assignaturas subiram a 11:000.

Este acto terminou á 1 hora da tarde, sendo a sessão interrompida até ás 2 1/2 para se effectuar a sessão de encerramento.

Ás 2 1/2 horas da tarde recomeçaram os trabalhos, tomando a palavra o presidente, sr. conselheiro Guilhermino de Barros que leu em francez o seguinte discurso, cuja traducção apresentamos.

Senhores. Acabaram os nossos trabalhos que já pertencem á historia seja qual fôr o juizo que d'elles se forme, a nossa consciencia póde estar tranquilla, porque nas discussões sempre cortezes e nos debates em que nunca deixou de reinar o mais completo espirito de conciliação, empregamos todos os nossos esforços para melhorar a iniciativa de Berne e o seu complemento de Paris, tanto quanto o permittiram as circumstancias, a opportunidade e os diversos interesses de que se tratava. Não tivemos occasião de adoptar maiores reformas, pareceu-nos mesmo que na actualidade o *statuquo* era o *desideratum* de quasi todos os paizes interessados, visto como as circumstancias actuaes não se prestavam á realisação de progressos mais importantes.

Mas é precisamente n'isto que reside a principal força da união; é n'este espirito eminentemente

conservador que a inspira sem a fazer retrogradar, sem mesmo a fazer parar na sua marcha progressiva que ella encontra a necessaria vitalidade para resistir a todos os embates que por ventura se lhe podessem levantar. A composição dos elementos que constituem a união obrigam-n'a a pesar os votos emittidos pelos seus membros e não a contal-os, e é por isso mesmo que ella é forte, e é n'isso mesmo que existe o seu grande valor, a sua grande importancia.

Até hoje nenhuma idéa util se atrophiou n'este laboratorio dos grandes interesses da transmissão do pensamento.

Basta por vezes que uma idéa pratica se submetta ao estudo intelligente e ao sério exame da repartição internacionul de Berne para que ella fructifique e amadureça. Outras vezes tambem basta que a acção lenta e vagarosa do tempo, creadora da opportunidade, faça acceitar universalmente uma idéa.

Assim aconteceu com os accordos do congresso de Paris e assim acontecerá com os vales ao portador, com as caixas economicas e com os annuncios por intermedio do correio. Este mesmo futuro está reservado aos direitos de transito terrestre e maritimo. Tanto um como outro deverão desapparecer, embora tenham que ser indemnisados dos prejuizos que isso lhes occasione os paizes que supprimirem taes direitos.

A commercial Inglaterra, a França propagadora das grandes idéas, a Belgica industrial e Portugal, vehiculo natural do grande commercio transatlantico, serão os primeiros paizes a aproveitar o melhoramento que, dando novas forças e uma vida nova á nossa util instituição lhe deverão assegurar estabilidade completa.

Repetirei ainda o que ha pouco disse; os votos das assembléas da união pezam-se e não se contam. Permittam-me comtudo que accrescente que se torna necessario que esse peso não seja excessivo, e que importa muito, ter em consideração o fiel da balança para que o equilibrio sempre se mantenha entre interesses tão differentes. No caso contrario poderia um dos pratos da balança inclinar-se mais para um que para outro lado, e, uma vez perdido o equilibrio, difficil seria restabelecel-o.

Mas estas questões referem-se ainda a um futuro que está longe.

Desgraçadamente o que é uma perfeita realidade é a nossa proxima separação. Esta vida commum e de uma agradavel intimidade, que durante mez e meio de trabalho e de fadigas nós todos compartilhámos, vae bem depressa acabar, e serviu de prova irrefutavel que o homem civilisado, quer seja do extremo Oriente, quer dos polos, quer dos mares longinquos, quer de todas as zonas, de todos os climas, é sempre o mesmo homem, que justamente os poetas e os philosophos appellidam o rei da creação.

Esta proxima separação me faz sentir uma profunda tristeza, ampliada ainda pelo desgosto de não vos ter podido offerecer uma hospitalidade mais digna de vós todos. Atrevo-me todavia a esperar que conservareis de nós uma lembrança tão duradoira como a que nós ha de ficar da vossa estada em Lisboa Acompanhar-vos-hão os nossos votos, e temos a firme confiança que a providencia escutal-os-ha não [illegible] nunca de velar sobre vós como sobre a união. (Applausos numerosos.)

Meus senhores. O congresso de Lisboa concluiu a sua tarefa, dando á união os paizes do globo que lhe faltavam. Oxalá que o futuro congresso de Vienna lhe dê os progressos que mais firme e grandiosa a poderiam tomar. (Expontaneos e repetidos applausos.)

Em seguida tomou a palavra o decano do congresso e delegado da Hungria, sr. Gervay, que expressou a sua gratidão pelo acolhimento generoso e hospitaleiro recebido em Portugal, e de que elle e todos os delegados guardariam eterna memoria, accrescentando:

«Os numerosos trabalhos preparatorios da muito activa delegação portugueza, o concurso importante da secretaria internacional sobre a direcção do seu chefe, o devotado primeiro secretario, sr. Galle, a actividade dos seus auxiliares e a perfeita experiencia dos presidentes das nossas commissões e seus respectivos relatores — tudo contribuiu para bem levarmos a cabo a nossa tarefa. Que todos acceitem os nossos sinceros agradecimentos.

Não nos esqueçamos do magnifico serviço prestado pela imprensa nacional.

Não nos esqueçamos tambem do homem eminente que presidiu aos trabalhos do congresso, base d'esta vasta construcção, nem tão pouco do seu illustre successor no congresso de Paris. Cada congresso assignala um novo marco em o dominio do serviço postal, e esperemos que no futuro a união postal universal, na vida economica dos povos, exercerá influencia para tornar perfeitamente solida e vigorosa a concordia das nações.

Terminando, dirigimos respeitosamente a expressão das nossas homenagens a todos os estados que acabam de firmar o resultado dos trabalhos que derivaram do importante congresso de Lisboa »

Ao sr. Gervay seguiu-se o sr. Blackwood, da Grã-Bretanha, que propoz um voto de agradecimento por si, na qualidade de presidente da 1.ª commissão e pelos seus collegas, presidentes da 2.ª e 3.ª commissões, srs. Besnier e Sachse, e bem assim por parte dos relatores respectivos, srs. Gife, Ansault e Hohn, a todos os seus collegas do congresso e ao secretariado, pondo em relevo o valioso auxilio que lhes prestaram.

O sr. Tantesio, delegado da Italia, n'um brilhante improviso, disse que pensava interpretar bem o sentimento de todos os congressistas, fazendo consignar um voto de louvor ao presidente do congresso, aos presidentes e relatores das commissões, pela maneira conciliadora e intelligente com que dirigiram os trabalhos. E em nome da Italia, testemunhou, por meio de phrases concisas e vehementes, quanto penhorado estava á maneira bizarra e graciosa com que toda a delegação portugueza tinha sabido receber os seus hospedes, mostrando assim como é franco e hospitaleiro o caracter portuguez. Declarou mais que seria n'ella, e tambem o suppunha em todos os outros membros do congresso, inextinguivel a recordação de Lisboa e dos funccionarios portuguezes. Que se orgulhava como italiano de vêr sentada no throno de Portugal uma princeza de Saboya, e terminou levantando um viva enthusiasta á casa de Bragança e ao povo portuguez. (Clamorosos e prolongadissimos applausos.)

O sr. general Bezack, da Russia, tambem, n'um rapido improviso, elogiou a hospitalidade de Portugal e as delicadas attenções da delegação portugueza.

O sr. Madeira Pinto agradeceu as benevolas palavras que acabavam de se dirigir aos membros portuguezes do congresso.

Seguiram-se no uso da palavra os srs. Hansen, da Republica Argentina, Flores, do Equador, fallando em nome da America do Sul e expressando quanto Portugal é considerado n'aquella região.

O sr. Borel fez um resumo dos trabalhos do congresso e mostrou quanto se tinha progredido no congresso de Lisboa a favor da grandiosa instituição da União Postal.

Por ultimo o principe Prisdang, do Sião, declarou, em nome do seu governo, que muito se honrava de ter tomado parte no congresso de Lisboa; que lhe competia fazer lembrar a todos os membros do congresso que foram os portuguezes os primeiros a entrar em relações com o Sião ha mais de trezentos annos, e que era este o principal motivo porque o seu paiz muito se ufanava de ser em Lisboa que elle adheria á obra salutar da grande União Postal.

O sr. presidente agradeceu esta declaração e levantou a sessão entre os applausos unanimes da assembléa.

Depois de encerrada a sessão foi entregue pelo director da repartição internacional de Berne ao presidente do congresso uma mensagem de agradecimento e despedida assignada por todos os delegados.

Para completar esta secção publicamos os retratos de alguns membros mais conspicuos do congresso.

GUILHERMINO A. DE BARROS

Director geral dos correios, telegraphos e pharoes de Portugal

PRESIDENTE DO CONGRESSO

Guilhermino Augusto de Barros tendo completado, com distincção, o curso preparatorio para admissão na Universidade de Coimbra, matriculou-se na faculdade de direito.

Durante os 5 annos do curso, Guilhermino de Barros foi laureado com varios premios.

Saiu de Coimbra para tomar posse do logar de secretario geral do governo civil do districto de Villa Real, cargo que exerceu durante 6 annos consecutivos, tendo por diversas occasiões desempenhado o logar de governador civil.

Ao cabo de innumeros e importantes serviços prestados por s. ex.ª aos povos do seu districto, foi por elles escolhido para represental-os nas camaras.

E' então pela primeira vez eleito deputado pelo circulo de Villa Real.

Acabada a legislatura é nomeado Guilhermino de Barros, governador civil do districto de Bragança e posteriormente eleito deputado pelo circulo da Regua, com o que perdeu o cargo que exercia.

Quando findou o seu mandato foi nomeado governador civil de Castello Branco, onde se conservou algum tempo.

Depois de annos ininterrompidos de trabalho em que se tinha votado á causa publica com a maxima dedicação, Guilhermino de Barros resolveu retirar-se á vida particular, indo habitar durante alguns annos na Louzã.

Mas o espirito elevado do nosso biographado não lhe permittiu por muito tempo o repouso. E' durante este periodo que escreveu o notavel romance historico intitulado *Castello de Monsanto*, o qual mereceu do nosso eminente escriptor, Camillo Castello Branco, os mais enthusiasticos encomios.

São tambem d'esta epocha innumeras poesias de muito merito e elevada inspiração, mas que infelizmente se acham ineditas.

Em 1876 é chamado Guilhermino de Barros para exercer o importante cargo de governador civil de Lisboa, e em 1877, tendo sido concedida a aposentação ao conselheiro Eduardo Lessa, director geral dos correios e postas do reino, é nomeado para lhe succeder.

Logo nos primeiros tempos da sua gerencia, introduziu importantes melhoramentos no serviço postal, e um anno depois, é nomeado para representar Portugal, no congresso de Paris.

O modo elevado com que tratou n'esta assembléa universal as questões alli discutidas, e sobretudo a energia d'um dos seus discursos, defendendo os interesses das colonias portuguezas e mostrando bem evidentemente a sua importancia, grangeou-lhe a maxima consideração por parte de todos os congressistas.

Guilhermino de Barros no congresso de Paris foi o mais extrenuo defensor da liberdade do transito territoral e da reducção dos direitos do transito maritimo.

Todas as idéas liberaes e de utilidade incontestavel para os povos, teem sempre encontrado n'elle um defensor convicto e energico.

Foi decerto devido ao modo brilhante com que o delegado de Portugal se houve n'este congresso, que a assembléa honrou o nosso paiz, escolhendo Lisboa para séde da sua seguinte reunião.

Por esta occasião é agraciado pelo governo francez, com a commenda da Legião de Honra.

Em 1879 é nomeado presidente da commissão encarregada de fundir os serviços postaes e telegraphicos, sendo depois de posta em execução a reorganisação d'estes serviços, em 1880, nomeado director geral dos correios, telegraphos e pharoes.

E' em seguida encarregado de representar Portugal na conferencia de Paris, destinada a estabelecer o serviço de encommendas postaes.

Em 1881 é-lhe concedida a carta de conselheiro.

Em 1883 é commissionado para ir ao extrangeiro, fazer acquisição de pharoes de primeira ordem, para o alumiamento das costas de mar portuguezas.

Em 1885 reunindo o congresso postal universal em Lisboa, é por acclamação nomeado presidente da assembléa e com tanto criterio, intelligencia e habilidade se houve, que sempre foi objecto dos mais expontaneos elogios por parte dos congressistas.

Numerosas portarias de louvor teem sido dirigidas a s. ex.ª pelo bom desempenho das variadas commissões de que tem sido encarregado.

EUGENIO BOREL

Director da repartição internacional da União Postal

Eugenio Borel nasceu a 17 de junho de 1835 em Neufchâtel, Suissa.

Depois de ter estudado jurisprudencia na Allemanha, foi pôr meza de advogado na sua cidade natal, onde immediatamente o chamaram a desempenhar funcções publicas.

Successivamente membro do Grande-Conselho (Corpo Legislativo), presidente da cidade de Neufchâtel, juiz de instrucção, delegado do ministerio publico, depois membro e presidente do governo, cujo departamento militar dirigiu por muitos annos, e depois o da justiça, assim passou no seu cantão por todos os graus da hierarchia administrativa, judiciaria e politica.

A mesma carreira seguiu no dominio federal, porque, procurador geral da confederação em 1864, quando se deram os acontecimentos politicos de que por esse tempo foi theatro a cidade de Genebra, foi em seguida, durante muitos annos, juiz de instrucção federal da Suissa franceza Deputado do seu cantão ao conselho dos Estados suissos, desde 1865, foi chamado á presidencia d'esta

assembléa. Tambem foi presidente do tribunal federal, de que fez parte durante muitos annos.

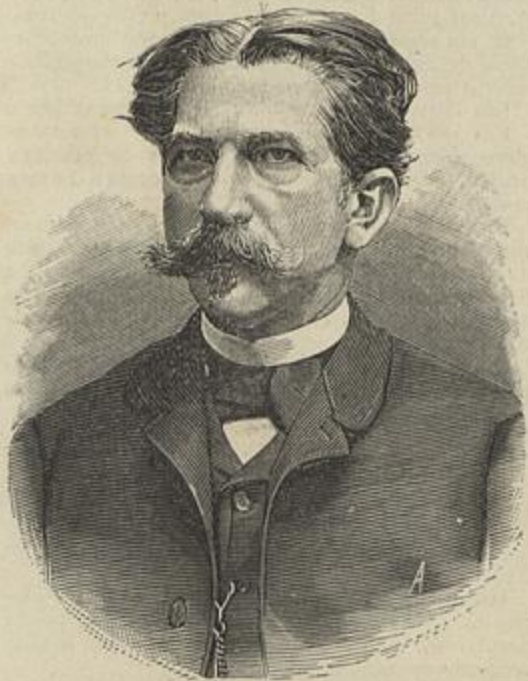
Finalmente, em dezembro de 1872 foi nomeado pela assembléa federal membro do governo suisso (conselho federal). Era chefe da repartição dos correios e telegraphos, quando o primeiro congresso postal universal se reuniu em Berne, e foi sob a sua presidencia que aquella assembléa discutiu e approvou o tratado d'onde nasceu a União Postal.

Eleito vice-presidente da confederação em dezembro de 1874, mr. Borel acceitou, no anno seguinte, o cargo de director da repartição internacional da União Postal, que depois desempenhou.

Das suas funcções publicas, mr. Borel apenas

CONGRESSO POSTAL, EM LISBOA

Conselheiro Guilhermino Augusto de Barros
presidente do congresso

Eugenio Borel — director da repartição internacional
da União Postal

Sachse, delegado da Allemanha — presidente
da 2.ª commissão

Stevenson Blackood, delegado da [illegible]ha
presidente da 1.ª commis[illegible]

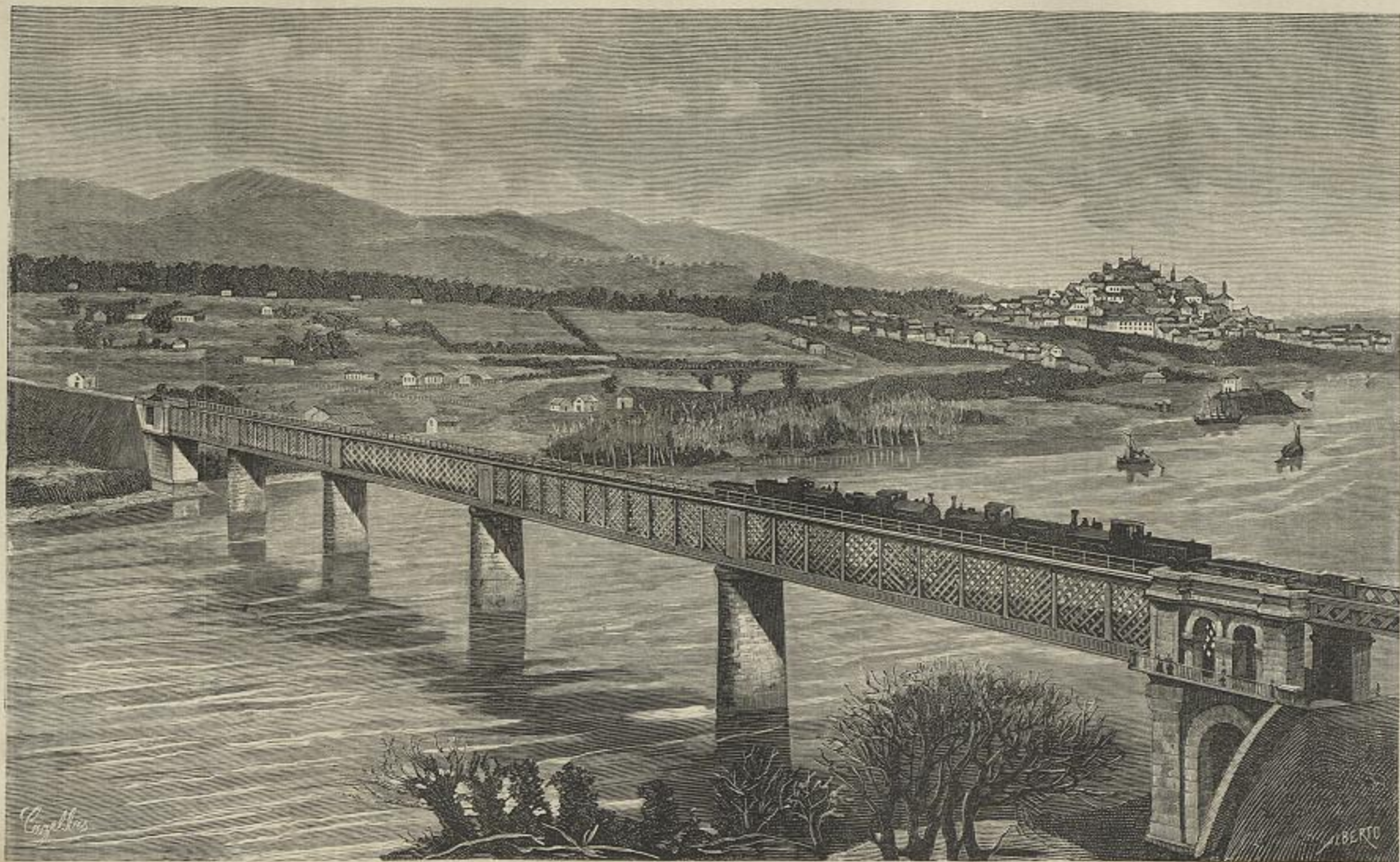
A. Besnier, delegado da França — presidente
da 3.ª commissão

(Segundo photographias de Fillon)

conservou a sua posição no exercito suisso, no qual tem o posto de coronel federal no estado maior judiciario.

Mr. Borel tem publicado muitas obras ácerca de questões de historia e jurisprudencia; é auctor de uma *Historia dos Correios* e de uma *Historia da Suissa*, que figuraram no *Diccionario pedagogico*, recentemente publicado em Paris sob a direcção de mr. T. Duisson, director do ensino primario.

Durante a sua carreira politica, tem redigido muitos jornaes, e ha longos annos que é collaborador do jornal francez *Le Temps*.

Tem funccionado muitas vezes como arbitro em varios litigios, levantando questões de direito publico, e conseguiu especialmente em 1870, como commissario especial da Confederação, pôr fim a um conflicto que existia desde seculos entre os cantões de Berne e de Valais, a proposito das suas respectivas fronteiras, na grimpa da cadeia dos Alpes, e que já varias vezes fôra alvo de intervenções por parte da Dieta helvetica, depois de ter sido submettida, sem resultado, á arbitragem dos duques de Saboya.

PONTE INTERNACIONAL SOBRE O MINHO (Segundo uma photographia da casa Biel & C.ª, do Porto)

SACHSE

Director da repartição dos correios e delegado d'Allemanha

PRESIDENTE DA 2.ª COMMISSÃO

É um antigo funccionario de alta gerarchia nos correios do imperio allemão, e, como esta nação figura entre todas as mais, na primeira linha, pelos aperfeiçoamentos e progressos postaes, corresponde uma grande parte d'essa gloria ao sr. Sachse, ao secundar com a sua competencia as iniciativas do celebre dr. Stephan, secretario na repartição postal d'aquella nação.

É um excellente caracter, muito affavel, e figurou vantajosamente nos seus trabalhos do congresso postal.

STEVENSON A. BLACKWOOD

Delegado da Grã-Bretanha

PRESIDENTE DA 1.ª COMMISSÃO

O sr. Stevenson Arthur Blackwood, secretario da direcção geral dos correios de Londres, delegado ao congresso postal de Lisboa, e presidente da 1.ª commissão, nasceu proximo de Londres em 22 de maio de 1832.

Tendo recebido uma solida educação no Collegio Eton e na universidade de Cambridge, principiou a sua nobre carreira burocratica como official do ministerio da fazenda no anno de 1852.

Dois annos depois, quando rebentou a guerra entre a Inglaterra e a Russia, o sr. Blackwood alistou-se como voluntario ao serviço do exercito do Oriente, e foi encorporado na brigada dos *Guards of the Queen*, a titulo de *Deputy Assistant Commissary General*, e n'esta qualidade assistiu ás batalhas de Alma e Inkerman, e á tomada de Sebastopol, recebendo como justo premio dos seus bons serviços as medalhas dadas pela rainha de Inglaterra e pelo sultão da Turquia.

Quando terminou a guerra voltou á sua anterior situação no ministerio da fazenda, sendo repetidas vezes empregado em commissões de serviços extraordinarios, taes como no inquerito ao serviço civil na Irlanda, e ao systema de emolumentos consulares no Levante, e muitas outras que aqui não registramos, cujo desempenho foi sempre digno de louvor.

Em 1874 o sr. Blackwood foi nomeado secretario financeiro dos correios, e em 1880 era secretario-chefe, e recebia a honra de ser nomeado membro da muito respeitavel ordem do Banho.

A. BESNIER

Director das correspondencias postaes no Ministerio dos Correios e Telegraphos, delegado da França

PRESIDENTE DA 3.ª COMMISSÃO

É um dos homens mais competentes da França, em assumptos postaes. Durante os trabalhos do congresso de Lisboa, tomou parte activa e muito competente em todas as discussões.

Representou a França no congresso de Paris, em 1878, contribuindo com os seus vastos conhecimentos e pratica em negocios postaes, para a convenção de 1 de junho do mencionado anno.

Não queremos terminar sem fazer a devida justiça ao modo cavalheiroso e extremamente cortez com que se honveram entre nós todos os extrangeiros que constituiram este numeroso congresso cosmopolita.

Tanto nos salões como nas ruas, nos hoteis como nos espectaculos publicos, nenhum facto desagradavel nem o mais leve motivo de censura, perturbou a festiva recepção de que foram alvo estes nossos distinctos hospedes, e a que tinham jus pela sua alta illustração.

Ponte internacional sobre o Minho

Está construida e será dentro em breve aberta á circulação a ponte internacional sobre o Minho, entre Valença e Tuy, para a ligação da linha ferrea do Minho com o caminho de ferro de Orense a Vigo, pelo taboleiro superior, e das estradas de Caminha a Monção do lado de Portugal e de Tuy á Guardia, do lado de Hespanha, pelo taboleiro inferior.

O projecto d'esta obra importante foi elaborado pelo engenheiro hespanhol o sr. D. Pelayo Mancebo e reformado pela *Société anonyme internationale de construction et entreprise de travaux publics de Braine-le-Comte* (Belgica), adjudicataria da construcção, segundo as indicações da commissão mixta de engenheiros hespanhoes e portuguezes, que formou o jury do concurso em 1881, e dos engenheiros dos governos das duas nações, aos quaes foi incumbida a direcção dos trabalhos.

A extensão total da ponte é de 400 metros lineares, e a do taboleiro principal, de 330.

Tem 5 tramos, dois extremos de 60 metros lineares, e tres intermedios de 66 metros lineares, além de dois pequenos tramos de 15 metros marginaes para accesso da linha ferrea sobre a estrada ordinaria.

O systema é mixto, de pedra e ferro; os apoios (encontros e pilares) são de pedra, e a sobrestructura de ferro; as vigas principaes de rotula de malha estreita teem a altura de 6,60 metros lineares.

A largura franca da estrada ordinaria entre as vigas principaes é de 4,80 metros lineares e a altura dos pilares de 16.

A altura da obra acima da linha de estiagem até o nivel dos carris é de 25 metros lineares; a profundidade maxima abaixo da linha de estiagem, de 22 metros lineares, e o total desde a base do alicerce até o nivel dos carris de 47 metros lineares.

O peso do ferro laminado dos taboleiros eleva-se a 1:551 toneladas, e o do ferro fundido nos apoios dos referidos taboleiros, a 79 toneladas, sendo portanto o total do ferro empregado de 1:630 toneladas.

A via ferrea corre ao nivel superior do taboleiro e a estrada ordinaria, entre as vigas principaes, ao nivel dos banzos inferiores das vigas, sendo esta disposição inversa da que existe na ponte sobre o Lima, em Vianna do Castello, obrigada pela cota de nivelamento da linha ferrea.

Por fóra das vigas principaes, e ao nivel do andar inferior existem de um e outro lado, passeios de 1,50 metros lineares de largo para peões.

As avenidas do taboleiro inferior convergem da parte de Portugal pelo lado que olha ao poente ou a Valença, e de Hespanha, do lado opposto em direcção a Tuy.

Os encontros anteriores principaes são formados por dois corpos: um inferior, aberto em arco semi-circular de 4 metros lineares de largura e 9 de altura livre sob o fecho da abobada; e outro superior aberto em duplo arco tambem semi-circular, tendo cada abertura 2 metros lineares de vão e 4,50 de altura sob o fecho da abobada.

Os trabalhos de construcção principiaram em uma e outra margem, em novembro de 1881.

Os encontros foram fundados ao ar livre e pelos meios ordinarios de esgoto e os pilares foram todos fundados por meio do ar comprimido, a profundidades que variaram de 16 a 22 metros lineares desde o pilar n.º 1, a contar do lado de Portugal até o pilar n.º 4.

Os encontros estão firmados sobre rocha, e os pilares: o n.º 1 sobre rocha; o n.º 2 sobre seixo grosso; os n.ºs 3 e 4 situados em Hespanha, sobre areia, não inspirando portanto receio algum a sua segurança attentas as profundidades a que se acham.

O trabalho do ar comprimido durou desde setembro de 1882 até abril de 1884 e o compressor, do systema Colladon, fabricado nas officinas Sautter Lemmonier, de Paris, funccionou sempre com a maxima regularidade.

A parte mais difficil do estabelecimento dos alicerces foi a da conclusão do alicerce do pilar n.º 2, o qual foi necessario salvar das aguas do inverno de 1883-1884, á custa de muitas fadigas e despezas.

A montagem do taboleiro principal foi feita na margem hespanhola e d'alli operado o lançamento, que começou em setembro de 1883, terminando em julho de 1884. O lançamento effectuou-se por meio de cabos, roldanas e guinchos do systema Mégy, Echeverria & Bazan e com o auxilio de cavallete de madeira, fundado em estacaria a meio de cada tramo.

As provas da ponte foram feitas nos dias 9, 10 e 11 de fevereiro ultimo, com as locomotivas portuguezas do Minho e Douro, da série Sharps, n.ºs 34 *Gerez*, 35 *Estrella*, 36 *Tamel* e 37 *Marão*, de 63 toneladas cada uma, e as locomotivas hespanholas da Companhia de Medina del Campo a Zamora, e de Orense a Vigo, de outra série Sharps n.ºs 100, 101, 104 e 105, de 68 toneladas e n.º 51 *Affonso XII* da fabrica de St. Leonard, e de menor pezo.

As provas effectuaram-se simultaneamente no taboleiro superior e no taboleiro inferior; no superior por meio das locomotivas acima referidas; e no inferior com vagons plata-fórmas carregados com carris, e moveis em uma via provisoria assente sobre o empedrado.

A prova dynamica realisou-se por meio de um comboio rebocado por duas locomotivas da série Sharps portugueza, e animado da velocidade de 40 kilometros por hora.

As flechas das vigas principaes observadas nas provas, approximaram-se das flechas theoricas, variando de 0,11 metros lineares a 0,30.

A carga de prova correspondia approximadamente a 4:000 kilogrammas por metro corrente no taboleiro superior, e a 2:300 kilogrammas por metro corrente no taboleiro inferior, havendo assim a carga total de mais de 6 toneladas por metro corrente.

A importancia do preço da empreitada geral da Sociedade de Braine-le-Comte, foi de 205:766$000 réis, sendo proximamente metade, de cargo de cada um dos paizes confinantes.

A direcção da obra de pedra, do lado de Hespanha esteve incumbida ao engenheiro chefe de divisão dos caminhos de ferro do noroeste de Hespanha, o sr. D. Eduardo Godino, já fallecido, e depois ao engenheiro do mesmo cargo, o sr. D. Adolpho Gonima.

A direcção da obra de pedra do lado de Portugal e de toda a obra metalica da ponte, esteve a cargo do distincto engenheiro o sr. Augusto Luciano Simões de Carvalho, actual director da construcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

Cumpre assignar aqui o zelo, intelligencia e actividade que o sr. Augusto Luciano desenvolveu no desempenho d'aquella melindrosa commissão, perfeitamente adquada á sua elevada competencia demonstrada desde a Escola de Pontes e Calçadas, de Paris, até trabalhos de summa importancia a que tem ligado o seu nome illustre.

O engenheiro especialmente incumbido da obra de pedra do lado de Hespanha foi o sr. D. Andrés Castro y Teijeiro, da divisão do noroeste e ajudante o sr. D. Manuel Fernandez y Soler. O engenheiro nomeado pelo governo portuguez para fiscalisar as experiencias dos ferros isolados e a ajustagem da sobrestuctura na fabrica de Braine-le-Comte foi o sr. Frederico Augusto Borges de Sousa, actual engenheiro da Companhia das Aguas de Lisboa.

Foi conductor chefe de secção das obras a cargo da administração portugueza o sr José Antonio Carneiro Basto; encarregado das obras por parte da Sociedade de Braine-le-Comte o sr. Augusto Cazaux; e o representante da referida sociedade em Portugal, o sr. Eugenio Rolin.

A commissão internacional que procedeu ás provas compunha-se dos srs. João Joaquim de Mattos, coronel de engenheria e vogal da Junta Consultiva de Obras Publicas e Minas; D. Adolfo Gonima, engenheiro chefe de 2.ª classe do «Cuerpo da Caminos, Canales y Puertos», e Augusto Luciano Simões de Carvalho, engenheiro civil e director dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.

A ponte internacional sobre o Minho, além de ligar os dois caminhos de ferro de Portugal e Hespanha, representa egualmente um melhoramento de immensa valia, pela communicação facil que estabelece entre as duas margens e que até agora tem sido feita apenas por meio de um barco de passagem.

Porto, março de 1885.

Manuel M. Rodrigues.

OS CONFIDENTES

(Continuado do n.º 224)

Meu caro Jorge.

Tenho aqui cinco cartas tuas e o teu telegramma de hoje.

Vou responder-te em poucas linhas; e, quando tu comprehenderes bem o que se tem passado, desculparás o meu silencio, que te parece obstinado e grosseiro.

Se n'estas palavras ainda reconheces o teu amigo, o teu velho amigo, cheio de prudencia e de juizo, levanta as mãos e dá graças á Divina Providencia. Se n'ellas descobrires os prenuncios da loucura, então parte immediatamente e traze comtigo o doutor Craveiro. Digo-te isto, meu caro amigo, porque me parece que estou n'um momento em que no meu cerebro ha ainda um lampejo de razão. Ha quinze dias que tenho vivido n'uma especie de continua allucinação!

O meu pobre criado olha para mim com uma tal expressão de pena e de terror, que me faz desconfiar de mim mesmo!

Estarei doido? Esta horrivel pergunta que a mim faço muitas vezes, atormenta-me d'um modo cruciante!

E porque o não estarei?! É preciso ter uma grande coragem para resistir a tantas dôres. O suicidio em certos momentos, apparece-me como o unico resgate. Lembra-me uma phrase de Girardin, que é o argumento mais poderoso em seu favor. Diz elle: *«o suicidio é um bem, quando a existencia é um mal.»* Isto é que é a logica implacavel!

Depois da minha ultima carta, da qual nada me

lembro já, como se a minha vida d'estes ultimos quinze dias fosse de quinze seculos, tem-se travado no meu espirito e no meu coração uma lucta angustiosa!

Eu creio que n'essa tal carta ainda tu me vias feliz, alegre, cheio de esperanças e talvez com um pouco d'aquelle desdem proprio dos felizes! Falei-te de certo de Helena, mas falei-te brincando, com a mesma indifferença com que eu até agora tenho falado das mulheres! Se tal aconteceu, Jorge, desculpa-me, — mas enganei-te. Ha mais de quinze dias que eu a amo. Affirmo-t'o ao teu coração, e affirmo-t'o francamente, sem o menor rebuço de acanhamento.

Para que te hei de illudir por mais tempo? Essa insistencia seria indigna de ti e de mim.

Hoje estimava até declaral-o bem alto e a toda a gente que amo essa mulher com toda a paixão de que é capaz o coração mais ardente, mais leal e mais brioso! Chego a ter vergonha e remorso de ter feito a seu respeito um juizo differente do que me merece agora. E foi justamente o falso criterio, com que eu de proposito olhava para tudo, o que me collocou perante a minha consciencia como o mais indigno de todos os homens. Comprehendo hoje o tormento do homem que, n'uma hora de embriaguez, desacata e apedreja a imagem veneravel d'uma santa! E ainda assim, para esse ha o arrependimento sincero a que a bondade divina concede o perdão. Mas para mim? Quem me diz que ella me perdôa? Quem me assegura que ella comprehende tudo quanto eu tenho soffrido?

A convicção de que o meu procedimento lhe não merece piedade tem-me posto no triste estado em que tu vês o meu espirito!

Sinto que estou a escrever-te á tôa, como as crianças que se aproximam das mães, a chorar, sem explicarem a causa das suas lagrimas! E eu queria contar-te tudo, dizer-te detidamente o que se tem passado, para tu calculares e perceberes o meu desespero!

Não posso, hoje. Crê sómente, Jorge, que o teu amigo é o maior desgraçado d'este mundo!

Podesse eu offerecer o sacrificio da minha vida, offerecer a immensa dôr que n'este momento me tortura para a felicidade de Helena! Era esta a unica consolação possivel, Jorge.

Não posso escrever-te mais. Amanhã, se o meu espirito se acalmar, dir-te-hei tudo, tudo...

Teu

Bernardo.

(Continúa) *Alberto Braga.*

O Dr. Francisco Antonio Pinto E as suas conferencias sobre o Zaire

(Continuado do n.º 225)

Na terceira conferencia entrou o sr. dr. Pinto no assumpto principal da sua missão, isto é, do commercio no Zaire.

Data de 1444 o commercio de portuguezes, no Congo, data em que Diogo Cam descobriu o rio Zaire e levantou na ponta da sua embocadura o primeiro padrão das descobertas dos portuguezes em Africa.

Todavia é certo que, tendo sido os portuguezes que primeiro commerciaram em Africa, são hoje os que menos proventos tiram do commercio africano, pois que este está todo nas mãos de extrangeiros.

E não se pense que este facto se dá pelo desejo ou preferencia dos naturaes. Não. Para o provar bastará saber que o indigena tem ainda hoje pelos portuguezes a mesma preferencia, o mesmo respeito, o mesmo prestigio que sempre teve, e só por intervenção d'estes é que commerceia com extrangeiros.

A Africa é toda nossa, e se d'ella não temos colhido as vantagens que eram de esperar, a culpa tambem é toda nossa, da nossa indolencia, do quasi horror que temos pela Africa, que nos habituámos a encarar como terra de degredados, recusando-lhe os nossos braços, os nossos capitaes, toda a semente, emfim, que alli poderia produzir a nossa riqueza, o nosso bem estar, o nosso engrandecimento moral e material.

Esta é a verdade, e ainda mal, porque é tambem a nossa vergonha.

Mas voltemos á conferencia do sr. dr. Pinto.

O commercio portuguez hoje, em Africa, é o menos importante, e esse pouco que temos devemol-o ao nosso prestigio de tres seculos, pois de contrario estaria totalmente absorvido pelos extrangeiros. Os inglezes e os hollandezes são principalmente os que fazem maior commercio com fazendas de algodão e de lã, genebra, cutellaria, missanga, louça, sal, carvão e espingardas. Estes generos são trocados por outros do paiz e n'esta troca prevalece a unidade monetaria estabelecida pelos portuguezes, ou a equivalencia dos valores trocados. D'este modo, a unidade ou valor minimo para a troca, é uma *garrafa* de aguardente; depois é o *panno*, que na sua origem foi a *mabilla* ou pequeno panno que penduram á cintura; acima d'isto é o *cortado*, porção de panno que chegue para o preto se embrulhar; segue-se a *peça*, que deve ter sido uma peça inteira de panno; e a unidade superior é a *espingarda*, que corresponde ao nosso dobrão.

Vê-se que o preto só conhece o valor do dinheiro pelo que com elle póde comprar, e se n'isto mostram ignorancia, tambem mostram um demasiado espirito pratico.

E' esta a nosso vêr uma das grandes difficuldades para civilisar o preto, fazendo-lhe reconhecer necessidades que elle não sente e não acceita, além das que já conhece, que são aliás as mais elementares da vida.

Os extrangeiros tem empregado os maiores exforços para vencer esta tendencia, assim como para fazerem desapparecer a influencia portugueza na unidade da moeda, mas o preto ainda não acceita nem conhece outra.

A influencia portugueza ainda é mais preponderante na lingua, e isto constitue um verdadeiro desespero para o extrangeiro. O preto só conhece por lingua de branco a portugueza, e só por meio d'ella trata o seu commercio. Isto põe os extrangeiros na dependencia dos portuguezes, por intervenção dos quaes, só podem fazer o seu commercio com os pretos.

Pois apesar de todas estas difficuldades, o commercio extrangeiro tem-se desenvolvido, e alguns milhares de contos constituem hoje o capital d'esse commercio.

Ha quatro casas principaes que fornecem toda a costa norte, comprehendida entre o Loge e Chiloango, e são: uma hollandeza, outra ingleza e duas francezas; estas casas tem differentes filiaes em varios pontos da costa, o seu capital orça por 6.000:000$000 réis.

O movimento de navios que conduzem generos, regula annualmente por vinte vapores e quarenta barcos de vela, com o carregamento de 45,000 toneladas. Parte d'estes navios pertencem ás casas do Zaire e andam na carreira entre a Europa e a Africa.

Os navios fretados são todos extrangeiros, na maior parte allemães; portuguezes não apparecem nenhuns.

Em Mussuco, Caia-Camazia, Lamba, Congo e Boma, ha quatro casas portuguezas, duas francezas, uma belga e uma hollandeza, e seguindo de Boma para a embocadura do Zaire, encontram-se tambem duas feitorias em Chincaksa, quatro no Congo, tres em Passo Conde, duas no Sambueiro, tres no Loango, todas portuguezas, á excepção de uma no Loango, havendo ainda tres em Ponta da Lenha e uma no Cassala, extrangeiras.

Na margem esquerda do Zaire, desde a embocadura até Posto Luzo, que fica fronteiro a Boma, ha onze feitorias portuguezas.

Em Quissanga ha duas casas portuguezas e uma hollandeza, no Madella, duas portuguezas, e em Vumpa ha uma portugueza e outra hollandeza. No Intea está o estabelecimento do principe de Cabinda, Chico Franco, muito amigo dos portuguezes e inimigo dos inglezes.

Na costa entre Banana e Cabinda ha uma feitoria portugueza em Moanda e outra hollandeza na Vista Em Cabinda existem, a feitoria-chefe de Halton & Coskson, duas hollandezas, uma ingleza e outra portugueza. Em Landana a feitoria principal é a de Castro & Leitão, havendo uma hollandeza e outra franceza.

O digno conferente dá ainda noticia de muitas outras casas commerciaes, que nós aqui omittimos para não alongar, mas que em resumo mostra a importancia do commercio extrangeiro, ao pé do qual o commercio portuguez quasi se eclypsa.

Depois d'isto não sabemos para que ainda nos questionam os nossos dominios em Africa.

Das casas portuguezas a mais importante é a de Castro & Leitão, que tem filiaes pelo Zaire acima. O socio d'esta firma, o sr. Leitão, coadjuvou bizarramente o sr. dr. Pinto na sua commissão, apresentando-o em varios estabelecimentos e occultando-lhe a sua missão official, poude assim reunir mais dados para o seu relatorio.

A lingua commercial em toda a costa norte é a portugueza, e todos os negocios são tratados em portuguez mesmo nas casas extrangeiras. Para isto ha o *linguester* (interprete) que traduz o portuguez para *fiote*, que é a lingua dos naturaes.

Esta profissão do *linguester* é desempenhada por pretos civilisados e que aproveitam a civilisação para irem enganando os seus conterraneos. Alguns d'estes pretos são tambem *curadores* (corretores) e n'esta qualidade ainda se tornam mais malandros.

No Dondo e na bacia do Quanza, os *curadores* aliciam freguezes para os estabelecimentos, procurando os mais ricos d'aquelles, e que melhor possam enganar. N'isto tambem ha concorrencia, e então quando dois *curadores* pretendem o mesmo freguez, desenvolvem a mais requintada velhacaria para captarem a preferencia do indigena, persuadindo-o de que ficará rico se fizer o negocio por sua intervenção.

A consequencia d'isto é o indigena ficar roubado na troca dos seus generos pelas fazendas que quer, e o negociante transige com esta exploração porque precisa do *curador*.

O indigena muito resabiado com este negocio, já tambem por sua parte trata de roubar o branco, falsificando os generos que lhe apresenta, tanto na qualidade como na quantidade e preço que exige.

Na costa do norte o negocio é feito com mais lisura, ainda que impera um completo monopolio do grande commercio, que mal deixa vegetar o pequeno. Isto permitte avultados lucros ao grande commercio, chegando a casa hollandeza, que é a que faz mais despezas de ostentação, a dividir quinze e dezoito por cento aos accionistas.

Os estabelecimentos que actualmente negoceiam desde o Zaire até ao Ambriz, são todos extrangeiros. Os que havia portuguezes, desappareceram em consequencia das intrigas que os extrangeiros urdiram entre os indigenas, contra os portuguezes.

O sr. dr. Pinto conclue esta conferencia por demonstrar a necessidade de uma poderosa companhia commercial portugueza no Zaire, e as vantagens infalliveis que se podem esperar de uma tal empreza. N'isso vae a dignidade de Portugal e a riqueza do seu commercio. Elementos não faltam para assegurarem um resultado pratico e positivo de lucros.

Não deixemos que outros disfrutem e explorem aquillo a que temos direito e que precisamos para a nossa independencia e prosperidade. Uma nação que tem tão vastos territorios por cultivar e explorar, é uma nação rica e poderosa, que não precisa pedir migalhas a extranhos. Tem alli um novo mundo que descobriu, que avassallou. O portuguez não precisa expatriar-se para encontrar trabalho, póde emigrar para a Africa porque está em sua casa, é o primeiro cidadão d'aquelle paiz, escusa de ser o ultimo n'outra parte. Póde encontrar alli generosa recompensa para o seu trabalho e fazer progredir o patrimonio de seus avós, que descobriram aquelles paizes para engrandecerem a patria e o nome portuguez.

Não deixemos que extranhos invejosos da nossa riqueza, que tão mal conhecemos, se lucupletem á nossa sombra, calumniando-nos e injuriando-nos ainda por cima.

Que mais querem de uma nação tão pequena? Não basta o ella ter patenteado á Europa os thesouros da India, da America, da Oceania, da Africa, abrindo-lhe os mares, ensinando-lhe onde estavam os paizes sonhados, alargando os horisontes do mundo, que até alli se restringiam dentro dos estreitos limites da velha Europa?

Que é muito que estejamos cançados depois de tanto lidar?

Mas não se aproveite esse cansaço para nos despojarem do magro quinhão que ainda conservamos de tão monstruoso banquete.

Não. Este cansaço ainda não é o completo anniquilamento de quem tanto vigor teve. Provemos que não é, e provemol-o eloquentemente.

Portugal é pequeno, mas tem um imperio na Africa. Se ella é cubiçada por extranhos, isso lhe dá mais valor para nós. Se para ella dirigirmos as nossas attenções, se n'ella empregarmos os nossos exforços, ella nos saberá agradecer os sacrificios e provará que Portugal é duas vezes poderoso, pela sua supremacia moral e pela sua riqueza material.

(Continúa) *C. A.*

RESENHA NOTICIOSA

Fabrica de estamparia á Ponte Nova. Esta antiga fabrica pertencente ao sr. Carlos Pecquet Ferreira dos Anjos, inaugurou do dia 25 ultimo, novas machinas a vapor, com o que irá ter grande desenvolvimento. A fabrica está perfeitamente estabelecida em edificios apropriados e o machinismo é do mais moderno. E' com verdadeiro prazer que registramos estes progressos do trabalho nacional.

Curso de archeologia. A Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, vae abrir um curso de archeologia no seu museu estabelecido nas ruinas do convento do Carmo. Este curso é subsidiado por S. A. o principe D. Carlos que tambem estabeleceu dois premios pecuniarios, um de 50$000 réis e outro de 25$000 réis para serem conferidos aos estudantes que se distinguirem

Kermesse. Projecta-se para o mez de maio uma nova Kermesse no Passeio da Estrella, em beneficio de varias associações de caridade e educação. Fazem já parte da commissão para esse fim organisada, as ex.mas sr.as marqueza de Fronteira, condessa da Azambuja, condessas de Rio Maior (D. Izabel e D. Maria), condessa da Silva Sanches, viscondessa de Fonte Arcada, viscondessa de Villa Nova da Rainha, D. Barbara Proença e D. Thereza de Saldanha Vilar de Carvalho. Espera-se que S. M. a rainha tambem cooperará n'esta obra meritoria.

Exposição internacional de photographia. Deve inaugurar-se no 1.º de setembro do corrente anno no palacio de crystal do Porto uma exposição internacional de photographia. O programma d'esta exposição abrange todos os trabalhos obtidos pela photographia, seus variados processos, assim como os apparelhos e preparados que entram nas operações photographicas.

Que mais se inventará. O professor E. F. Ritchie de Bridgeport, nos Estados Unidos, inventou ultimamente uma bomba explosiva do mais singular effeito. A bomba contém gazes comprimidos envenenados e quando rebenta espalha a morte em 25 metros de circumferencia envenenando o ar. E é para isto que um homem estuda e o sol nasce vivificando a terra!

Real Academia de Amadores de Musica. Ficou composta dos seguintes cavalheiros a direcção d'esta academia, nas eleições que se verificaram no dia 27 do mez findo. Presidencia os srs. José da Costa Pedreira e dr. Thomaz Raymundo da Fonseca; thesoureiro o sr. João Antonio Pinto; secretarios os srs. Antonio Castanheira e Carlos Augusto; vogaes os srs. Guilherme Augusto da Cunha e Silva e Antonio Orta Ennes.

Padroado portuguez no Oriente. Os catholicos de Cochim enviaram ao governo portuguez uma representação com milhares de assignaturas, pedindo a conservação do padroado portuguez. Eguaes representações tem sido enviadas de Bengalla, Singapura, Calcuttá, Meliapor, Cochim e Madrasta.

Uma advogada. Teve ingresso no supremo tribunal dos Estados Unidos, como advogada, a sr.ª Laura de Force Gordon, natural da California. É a segunda mulher que obtem esta distincção; a outra é a sr.ª Belva Lockwood que tambem se propoz á presidencia da republica, nas ultimas eleições. Quem coserá a roupa a estas senhoras?

Ponte internacional sobre o Minho — Taboleiro inferior
(Segundo uma photographia da casa Biel & C.ª, do Porto)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Portugal-Hespanha, numero unico, publicação promovida por um grupo de alumnos da Academia de Bellas-Artes do Porto, a beneficio das victimas dos terramotos de Granada. É mais uma manifestação brilhante da caridade portugueza para com os nossos irmãos de Hespanha, caridade que tem colhido a maior parte dos seus fructos do espirito d'aquelles que lhe tem dedicado as producções do seu talento e da sua arte. O *Portugal Hespanha* sahido de um meio artistico, em que os jovens discipulos da Academia de Bellas-Artes do Porto, apresentam provas dos seus estudos, secundados com obras de artistas e mestres, é a demonstração mais sympathica dos bons desejos que os animam. A sua bolsa seria impotente para acudir a tanta desgraça, mas tinham o seu cerebro, esse podia produzir alguma coisa de mais valia que a bolsa, e encheram oito paginas de papel branco com as scintillações do seu espirito, e foram pedir a litteratura que lhe completasse a sua obra com as inspirações da poesia e da prosa. Converteram o papel branco n'um thesouro, que irá vestir nús, saciar famintos, albergar desabrigados, consolar desgraçados, n'uma palavra. Isto é bello, e bem hajam todos que lidam n'esta cruzada do bem. O *Portugal-Hespanha* vende-se em todas as livrarias e custa 200 réis. Todos poderão dar uma esmola ficando com tão valioso penhor. Os promotores d'esta publicação são os srs. João Augusto Ribeiro, João José Nogueira, Rodrigo Soares, José d'Almeida e Silva e Francisco Manuel d'Oliveira Carvalho.

Os Predestinados, por H. Perez Escrich, traducção de J. Cruzeiro Seixas, Joaquim Antunes Leitão, editor, Porto. Vol. III. Já aqui nos referimos a este bello romance, quando recebemos os dois primeiros volumes. N'esse volume cresce de interesse a acção e bem se póde dizer, que é um dos melhores romances de Escrich. O volume é illustrado com tres gravuras de pagina, devidas ao buril de Caetano Alberto.

Canções de abril *(primeiros versos)* por Eugenio de Castro. Coimbra. Imprensa Independencia, 14, Rua dos Coutinhos, 1884. 111 paginas incluindo carta-prologo, versos, prologo e indice. Na carta-prologo diz o illustre lyrico João de Deus: «um escrupulo religioso me inhibe de tocar essas primicias dos quinze annos. N'esta edade ou não se publicam versos ou se publicam illesos de emenda alheia.» O talento do auctor reconhece-se desde o primeiro verso, o tempo, o estudo, as criticas dos verdadeiros amigos, e a severidade do proprio auctor para comsigo mesmo completarão o que lhe falta.

Bibliotheca do povo e das escolas... David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas... Administração: 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa, Filial no Brazil rua da Quitanda, 40, Rio de Janeiro. Teem-se publicado o n.º 95, *Hygiene do vestuario*, n.º 96, *Geometria descriptiva*, com que se completou a 12.ª serie, e os n.os 97 *A guerra da independencia*, n.º 98 *Leitura e recitação*, e n.º 99 *Fortificação*.

Paraiso Perdido, por Milton, traducção do dr. Antonio José de Lima Leitão, revista, prefaciada, annotada e ampliada com a biographia do poeta, por Xavier da Cunha. David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculos 23, 24 e 25

Una romanza portoghese *(Dom Beltrão)*, por Guglielmo Viscardi. Ginevra, Tipografia Remigio Schira, 1884, pequeno opusculo de 15 paginas. O romance, ou antes, os romances porque são dois, começam a paginas 9, antes d'isso ha duas paginas de prologo, em que o auctor dá a razão da publicação, declara onde encontrou estas peças ignoradas, e faz algumas considerações criticas sobre ellas, com o que prova conhecer a nossa litteratura, embora na impressão deixasse escapar alguns erros, tão palpaveis que accusam falta do conhecimento verdadeiro da lingua, taes como:

> Corre! corre! na corrida
> *Tedo* abate e calca e passa
> . . . .
> Como o raio na tempestade
> Passa, oh fido Satanaz,
> *Só que o meu pensamento*
> *Tu te deixes atraz!...*
> . . . .
> Os homens *ao seu passagem*
> Se afastavam assustados.
> . . . .
> As *mulheras* ás janellas
> *Lhe gritavão atraz*, etc.

a palavra mulheres apparece orthographiada d'aquella maneira sempre. O romance, nomeadamente o primeiro, parece ter sido copiado por quem sabia pouco o portuguez, e d'essa copia se serviria o sr. Viscardi. O serviço que este distincto homem de lettras prestou é valioso. Quanto a nós parecem-nos os romances traduzidos, talvez do castelhano, e que não receberam, principalmente o primeiro, a correcção de que careciam para ficarem correntes, segundo a poetica da lingua, ou então acha-se muito corrompido, pelos estragos da tradição oral. O segundo está mais perfeito, não obstante os ultimos versos, que são tirados, ou imitados do anterior. Falta-nos o tempo e a possibilidade de conferir estes romancinhos com as vastas collecções extrangeiras para podermos emittir opinião segura a tal respeito, mas não falta entre nós quem saiba e possa fazel-o com mais facilidade e proficiencia.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, pelo sr. Eduardo Freire de Oliveira. Continua-se a materia do fasciculo antecedente com uma extensa nota onde se acha transcripto parte do livro feito em 1685, d'onde constam todos os canos, fontes e aguas pertencentes á cidade n'aquella epocha. Segue o extracto de varias providencias até 1563.

Curso Pratico ou Grammatica Intuitiva da Lingua Franceza, por Albino Coelho, professor do Lyceu Central de Coimbra e socio effectivo do Instituto, etc., José Diogo Pires, editor, Coimbra, 1885. O auctor d'esta grammatica propõe-se introduzir no ensino d'esta disciplina que, diga-se em verdade é feito de um modo pouco comprehensivel para o estudante, um systema novo entre nós, mas já adoptado n'outros paizes. O systema consiste em ser pratico, isto é, em juntar ao estudo das palavras o estudo das idéas, o que torna o ensino muito mais intuitivo e muito menos arido. Partindo d'este principio é facil de comprehender a vantagem do systema, e nós o quizeramos vêr primeiro applicado á grammatica portugueza, visto que estamos em Portugal, e que, por emquanto, é a lingua portugueza a primeira que se aprende, e naturalmente depois d'esta é que se estudam as linguas extrangeiras. Applique o sr. Albino Coelho o seu systema a uma grammatica portugueza, e tornará assim ainda mais pratica e util a sua grammatica franceza.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.